PAULO ALVES

ALBERTINA

CONTOS

1949

História escrita por Paulo Alves, publicada em 1949:

Albertina

— Fala com o seu padrinho, Glorinha.

Mas em verdade eu não era padrinho da mulatinha abobada que estava na minha frente, em cujos cabelos era evidente o mau gosto de fazer duas tranças. Albertina talvez quisesse me dar uma compensação moral me chamando de padrinho de sua filha. Ela, Albertina, sim, fora minha madrinha. Quando saiu de nossa casa, para consolar os meus soluços, ela dissera promessas. Mais ou menos eu me lembro de tudo. Os seus olhos tinham felicidade, mas receavam pela vida. "Minha primeira filha será tua afilhada" — foi o que me lembro de ter ouvido de sua boca. A Mamãe ela dissera, em lágrimas, na hora do trem partir: "Se eu for infeliz, volto, sim, madrinha?". Tratava mamãe de madrinha, por outra necessidade imperiosa de caracterizar qualquer ligação. Viera para nossa casa aos dez anos, incumbida de fazer o fogo pro café. Desenvolveu-se e, à medida que o tempo passava, a sua afeição crescia pelas crianças. Mamãe ia para o Grupo sossegada: Albertina daria o leite aos meninos na hora certa, e, quando chegasse, a casa estaria em ordem.

Investida de uma autoridade sempre crescente, mais se interessava pelos problemas domésticos, e mais ganhava a confiança de mamãe. Não sei por que, eu fui o seu favorito. Para todas as amas, há sempre uma criança favorita. Às vezes, a mais chorona e pirracenta. Na parte inconsciente de minha infância, eu só conheço Albertina através das notícias de mamãe. Aos oito anos somente é que sei recordá-la com justeza. De vez em quando me vejo nu e sobressaltado, sob os ralhos mansos de sua boca: "Se o seu pai te pegasse, você ia ver". Estivera pelos pastos e o corpo vinha cheio de carrapatos. E Albertina tirava tempo para me catar os parasitas e depois me dar um banho. De noite, como se nada tivesse ocorrido lá estava eu, bonzinho, para a solenidade do jantar de mesa comprida. Depois então de realizada essa farsa, pretextava o sono, cedo demais, e do quarto pulava para a rua, já descalço. Em seguida, aderia à brincadeira do "mãosuá", infalivelmente.

Isto não era, entretanto, todo o acervo de lembranças da ama. Um dia papai estava nervoso com alguma coisa e eu fui infeliz numa travessura. Ele ia me pegando para passar a correia. Albertina interveio com a sua autoridade materna. Em Joanito ninguém batia!, e não foi mesmo que o velho me deixou de lado!...

Quando vovô morreu, era a pobre Albertina quem acalentava o meu sono, quem fazia descer uma paz para o meu pensamento. A imagem dos estertores de vovô, de seus gemidos, não me deixavam. Se conseguia adormecer, ao peso das pálpebras chumbadas, lá me vinha um sono assustado, e eu gritava por ela. Albertina me acudia com solicitude, e brotavam de sua boca histórias cheias de cintilações, de reinados maravilhosos e fadas benfazejas. A mulata tinha uma grande imaginação, e eu ia caindo, pouco a pouco, vencido ao encanto inacabável das ficções que não sei onde ela aprendera.

E agora ali estava, na minha frente, a mesma Albertina de há onze anos. A mesma? A mesma, não, que a outra era apenas memória e esta Albertina era um drama, era um fragmento de vida.

Dizia com doçura para a menina abobada:

— Glorinha, fala com seu padrinho, fala, neguinha!

A Glorinha abobada, a Glorinha muda, olhava com espanto. Com certeza, nem sabia falar direito. Do narizinho chato lhe escorria um líquido viscoso e vestia uma simples camisola.

— Quantos filhos você tem? Lembro-me de que você nos comunicou o nascimento dos dois primeiros: Carlos e Abigail.

— Tem ainda a Glorinha e a Elisabeth. Vem cá ver a caçulinha!

Num berço velho, a menina dormia. Fiquei pensando: quatro filhos... Quatro filhos, Albertina! Como foi que você teve tantos filhos? Adivinhou-me os pensamentos, e suspirou forte. Nos beiços grossos dançou-lhe o sorriso do seu otimismo cansado, quotidiano, gasto. Reparei que somente a metade da cabeça estava assoalhada. E como olhasse o chão, observando, ela reunia umas roupas sobre a mesa de engomar. Depois, sem dramaticidade, me explicou:

— Até isso que você está vendo Idelpino vendeu. Vai vendendo tudo para beber. Chega sempre embriagado, lá pras duas da madrugada…

Idelpino era um requintado almofadinha. Andava de bengala de nó, e o azul-marinho era impecável no corpo malandro. Dos seus primeiros passeios em frente de casa, me recordo muito bem, porque fui cúmplice de seus desejos... Dava-me duzentão para comprar balas no botequim de seu Quincas, e com isto conseguia a certeza do recado bem transmitido: Seu Delpino mandou dizer que tem uma coisa muito importante para contar a você. Ele vai esperar na esquina. Ao don juan eu trazia, depois, a vitória da mensagem: “Ela diz que sim”.

Com o tempo ele se aproximou da namorada e, ganhava intimidades. Às nove horas, quando estava prestes a soar o grito de alarme da vigilância de mãe, eu lá estava inocente e alheio, entre os dois, perguntando bobagens. Quase sempre não me davam importância. Distraíam minha atenção com qualquer coisa ou me ocupava em lutas pelo chão com o “Dick”. Esperava por ela, a fim de me lavar os pés na bacia e me estender as cobertas. Idelpino girava sempre a bengala nodosa na mão direita. Lembro-me de que algumas vezes levavam muito tempo sem se falarem, numa doce contemplação. Não tinha olhos para ver, nem para maliciar, porém, mais tarde, vim a tudo compreender. Amavam-se muito, razão por que ela fora infeliz e não voltara à nossa casa, como prometera. Vigorosa, achou também de enfrentar a dureza da vida absolutamente só, vexada de seu fracasso.

— Você sustenta a casa sozinha?

— Idelpino não para em emprego nenhum... Vou lavando quanto posso, como você vê aqui, essa montueira de roupa... Tenho ainda que fazer almoço e janta, e, por cima, tolerar as bebedeiras dele.

Falando, me deixou reparar que estava quase inteiramente banguela. Também aumentara de dimensões e o vigor dos seus braços parecia maior. Estava abrutalhada, decidida, apesar do fardo que carregava.

Fiz uma pergunta que depois me traria arrependimento, se não lhe tivesse dado um tom de brincadeira:

— Idelpino lhe bate muito?

Riu-se, apenas:

— Coitado…

Tomei ares íntimos e circulei pela casa, que era, toda, um só aposento. Paredes não eram mais que esburacados cobertores descoloridos e manchados. Fui até aos fundos, com vista para o rio sujo. No terreiro, um carijó cacarejava o ciúme de seus tenros filhos.

— De quem é esta ninhada de pinto, Albertina?

— Nossa. Mas foi uma pena. Você nem calcula: ontem morreram três. Tem doze ainda.

Desci ao terreno úmido, movido pela ternura de acariciar um bichinho nas mãos. Fugiram-me todos e a galinha fez um espalhafato.

Retornei.

— Se você não tivesse casado, Albertina...

— Qual! (Suspirou fundo). Talvez tivesse sido pior!...

— Sido pior?

— Quem sabe, não?

— Talvez não, Bertina. Você não estaria metida neste buraco, cercada de tantos filhos, sem roupa para lhes dar. Sido pior?

— Bom, meu filho, mas esta é a Vida.

— Que vida, que nada! Esta é a... tristeza!

— Mas é a Vida, meu bem! Se um dia você se visse como eu, não amaldiçoaria a ninguém.

Não respondi logo. Senti-me invadido de imenso vazio. Assim que ela se viu distraída, tirei uma nota de vinte do bolso e a apresentei as despedidas:

— Vou-me embora hoje de tarde. Adeus, e quero que você seja feliz.

— Que Deus te faça um grande homem — respondeu-me.

E afetuosa:

— Muitas lembranças a sua mãe e a seu pai. Roberto como vai?

— Já está quase formado.

— Sempre sério, não?

— Sempre daquele jeito…

Abraçamo-nos. Depois chamei a Glorinha triste:

— E agora vem aqui, téia. Guarda essa lembrança do padrinho.

Albertina agradeceu com um sorriso, e eu saí para fora, meio aliviado. Enquanto ia andando, pensava na vida de Albertina. Não se maldizia a coitada, e isto me tinha surpreendido muito. A Vida... Falava sobre a Vida... Que entendia ela por Vida? Tinha dado à Glorinha vinte mil réis. Dois ou três dias sem muita apertura... Depois viria a tal vida do conceito de Albertina. Seria Idelpino aparecendo de madrugada e tratando de vender as tábuas do assoalho para tomar cachaça. A pobre lavando roupa, se matando naquela umidade de beira de rio. Os filhos criados ali no chão frio, tristonhos, abobados. E ela dizendo: a Vida, a Vida…

Estava destroçada, era um trapo de gente a minha pobre Albertina. Mas ainda tinha um sorriso que não era de todo amargo, um sorriso quase bom de quem não acusa o destino ou se volte contra supostos desígnios, e apenas se lamente com esta palavra: a Vida... a Vida...